**GRUPO DE ESTUDOS 6**

**ROTEIRO DE ESTUDOS - 8º ENCONTRO**

**OBSERVAÇÃO:** seria importante ler o texto 9 antes do texto 8, pois trata de alguns fundamentos que ajudam a compreender as ações do texto 8.

**TEXTO 8 – AUTO-ORGANIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão; MORILA, Ailton Pereira. Auto-organização no contexto da educação do campo. **Revista Kiri-kerê**: Pesquisa em Ensino, n. 2, maio 2016.

1. Este texto na p. 47, traz a seguinte afirmação: “A auto-organização é [...] um tempo essencial no processo de formação integral. Pistrak (2011, p. 33) a relaciona com a vida das crianças e adolescentes: [...] a criança e, sobretudo, o adolescente, não se preparam apenas para viver, mas já vivem uma verdadeira vida. Devem consequentemente organizar esta vida. A auto-organização deve ser para eles um trabalho sério, compreendendo obrigações e sérias responsabilidades”. Neste sentido, como sua escola tem pensado a auto-organização dos estudantes? Apenas como uma ação que “quem quer faz e segue” ou tem desenvolvido este processo na escola como um espaço de formação para a vida das crianças.

2. Este trecho, de Pistrak, citado na p. 51, mostra como a escola pode tornar-se um centro importante para os estudantes: “Se quisermos criar na escola um coletivo infantil, seremos obrigados a desenvolver esses interesses entre as crianças, inspirando-lhes interesses novos. Isto exige antes de tudo uma organização do trabalho o ensino em relação à idade das crianças. O ensino escolar, como se faz normalmente, não é agradável às crianças, não as atrai, não cria nelas uma tendência interior a se formar, sobretudo se não compreendem os objetivos desse ensino. [...] A escola só permitirá um amplo desenvolvimento e uma coesão íntima do coletivo das crianças no momento em que for o lugar (e o centro) da vida infantil, e não apenas o lugar de sua formação [...].*”* O texto traz também diversas observações e um amplo debate sobre a auto-organização, seus prós e contras. Como você vê tudo isso? A auto-organização poderia ser um elemento a mais, além da aula, para que os estudantes se identifiquem com a escola e a reconheçam com um espaço de formação para sua vida?

3. A tarefa da auto-organização não se concretiza sem um coletivo, um grupo de educadores que se também se organiza. Na p. 55, pode-se ler: “Os educadores como articuladores e diretamente ligados ao processo educacional, são os responsáveis em organizar o ambiente para a atuação dos estudantes [...] Em contrapartida, “exatamente pela força da tradição institucional noutra direção” (CALDART, 2013) os educadores podem não contribuir e até mesmo atrapalhar a efetivação de um novo processo pedagógico.” Como vocês interpretam essa relação levando em conta o que diz Pistrak neste texto?

**TEXTO 9 – AUNTONOMIA DO EDUCANDO NA ESCOLA FUNDAMENTAL: UM TEMA NEGLIGENCIADO**

PARO, Vitor Henrique. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 197-213, jul./set. 2011. Editora UFPR.

1. Seguindo as reflexões e questões da p. 199, procure respondê-las: Na escola tradicional está muito bem assentado que a situação de ensino se dê na forma de um professor comunicando-se, numa sala de aula, com uma turma de alunos sentados em suas carteiras enfileiradas, durante praticamente todo o período de aula. Mas, num contexto educativo em que se supõe a participação ativa dos educandos, considerando seus interesses e necessidades, como serão administrados o tempo e o espaço, tendo em vista o melhor desenvolvimento do aprendizado? Como serão organizadas as turmas ou grupos de estudantes? Como serão dispostos os espaços e equipamentos? Que tamanho e que arranjos espaciais terão as salas de aulas e demais ambientes de aprendizado e convivência?

2. Sobre as reclamações dos professores com relação à indisciplina dos estudantes, o autor, na p. 205, diz: “Não deixa de ser insólita a reclamação, de certa forma generalizada na escola pública brasileira, com relação à condição de carência e falta de cultura do grande contingente de alunos que recebe. Ninguém aceitaria de um médico, por exemplo, a reclamação de que só lhe mandam pessoas doentes para eu consultório. É ponto pacífico que os que padecem de algum mal físico, os carentes de saúde, são precisamente o objeto da ação profissional do médico. Por que, então, não se espantar diante da alegação do professor ou dos responsáveis por políticas educacionais de que uma das causas por que o ensino não vai bem é o fato de que as crianças são “carentes”. Conseguimos perceber onde se encontram as dificuldades de nossas crianças carentes, sem reclamar, mas buscando estuar para compreender o que ainda lhes falta para superarem esta situação?” Qual será a diferença entre uma aula prazerosa, quebrando com a formalidade da “aula tradicional” e ser um professor/a conectado/a às necessidades do desenvolvimento dos estudantes?

3. Na p. 207, Paro diz: “[...] a realidade das escolas, nas investigações que tenho realizado tem evidenciado que quase nunca a razão principal do fracasso em trabalhar democraticamente com os alunos é a maldade ou a má intenção do professor ou professora.” E, na p. 212, segue: “[...] um dos aspectos que os entrevistados associam à autonomia do educando é a disciplina. Para o exame dessa questão, recorremos à contribuição de Herbart (2003) a respeito da diferença entre governo e disciplina no contexto educacional. O primeiro tem caráter inflexível e deve ser respeitado irrestritamente, mesmo que o educando não consiga entender sua razão de ser. Já a disciplina faz parte da própria formação do indivíduo, de tal forma que, quando ela de fato se realiza, acaba por revelar-se como autodisciplina*.”* Revendo as questões da nossa escola, o que podemos dizer das diferenças entre: a) governo da escola: b) disciplina na escola; c) auto-organização na escola? Qual seria o papel da auto-organização no contexto do estudo feito por Paro e trazido neste texto?